

Onde você estava em 11/09/2001? Traços da memória coletiva na Web*

Where were you on 09/11/2001?
Traces of the collective memory on the Web

ANA LÚCIA MIGOWSKI DA SILVA

Mestranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Informação/UFRGS
e membro do Laboratório de Interação Mediada por Computador (LIMC - UFRGS)
anamigo@gmail.com

Resumo:

O presente artigo propõe uma reflexão a respeito do modo como a memória coletiva vem sendo construída a partir da comunicação mediada por computador. A análise tomará como pontos de partida produtos midiáticos criados para a rememoração dos atentados ao World Trade Center, em Nova Iorque, que completaram uma década em 2011. Esse evento adquiriu grande repercussão em todo mundo, gerando mobilizações sociais em diversos âmbitos. Ver-se-á como as possibilidades de interação, dos meios digitais de comunicação, potencializam o compartilhamento de experiências de indivíduos direta ou indiretamente marcados pelo evento em questão. Além disso, serão identificados movimentos emergentes e coletivamente organizados em sites de redes sociais que também objetivam a recuperação de testemunhos daqueles que viveram de algum modo o acontecimento.

Palavras-chave: Memória coletiva; Web; 11 de setembro.

Abstract:

The present paper proposes a reflexion about the way collective memories have been constructed through the computer mediated communication. The analyses starting point will be media products created for the remembrance of the World Trade Centre attacks, in New York, that completed a decade in 2011. This event acquired a huge repercussion in the whole world, generating social mobilizations in many spheres. It will be possible to note how the interaction possibilities of the digital communication media maximize the experience sharing of individuals directed or undirected marked by the event. Furthermore, will be identified emergent and collectively organized movements in social network sites that aim to recuperate the testimonials of people who have lived in some way the event.

Keywords: Collective memories; Web; September 11

* Trabalho apresentado no GT Redes Sociais, Memórias e Conhecimentos

1 - A internet surgiu em 1969 como uma estratégia militar dos Estados Unidos para impedir que os dados governamentais ficassem restritos a um único local, criando-se para este fim uma “rede de computadores”. Mais tarde, a infraestrutura da rede passou também a ligar Universidades para o compartilhamento de dados de pesquisas e outras informações. Apenas no início da década de 90 a internet passou a ser usada realmente em escala comercial, com livre acesso para aqueles que podiam contratar o serviço. (CASTELLS, 2003: 13-15).

2 - Esse dado é fornecido pelo site <http://www.internetworldstats.com/stats.htm>. Acesso em: 09/01/2012.

3 - Disponível em: <http://www.nytimes.com/>. Acesso em: 10 jan. 2012.

4 - Disponível em: <http://www.twitter.com/>. Acesso em: 10 jan. 2012.

A internet comercial[1] completa mais de duas décadas, sendo que ao longo desse período serviços e possibilidades de interação e comunicação foram desenvolvidos. Reflexões vêm sendo feitas sobre essa temática, sobretudo no campo da Cibercultura, objetivando-se compreender como as Tecnologias da Comunicação e da Informação (TICs) impactam o cotidiano de indivíduos e grupos, bem como seus hábitos e características expressivas.

Este texto propõe uma discussão que caminha nesse mesmo sentido, com foco no entendimento sobre como a memória coletiva se configura em um contexto marcado pela comunicação mediada por computador, ou seja, em um momento histórico no qual atores sociais vêm fazendo uso da internet e da Web como instrumentos para o compartilhamento de experiências e informações diversas. Não se pode esquecer, evidentemente, que esse acesso às TICs sobre o qual está se falando não é generalizado, sendo que apenas cerca de 30% da população mundial[2] pode conectar-se à rede e, conseqüentemente, explorar suas potencialidades comunicativas e informativas. No entanto, considera-se relevante, desde o ponto de vista da documentação de um fenômeno, compreender como a internet, e o sistema hipermediático nela contido, chamado de World Wide Web (WWW, ou apenas Web), vêm sendo utilizados para a construção da memória coletiva sobre acontecimentos.

Serão trabalhados, para esse fim, alguns pontos que auxiliarão no entendimento das práticas que compõem esse fenômeno. Primeiramente haverá uma exposição sobre as relações entre a Web e a memória coletiva, com ênfase nas possibilidades que esse ambiente traz à atividade mnemônica. Em seguida, serão apresentadas as implicações que os acontecimentos que ilustram este trabalho – os eventos do dia 11 de setembro de 2001 – trouxeram para a dinâmica da rede. A terceira parte deste texto será dedicada à análise do modo como esse acontecimento é lembrado, e conseqüentemente construído na Web, através da participação e colaboração dos usuários e interagentes no especial multimídia, preparado pelo Website The New York Times,[3] e no site de rede social Twitter[4].

A MEMÓRIA COLETIVA E A COMUNICAÇÃO MEDIADA POR COMPUTADOR

O tema central deste artigo, a memória – abordada através de seu caráter coletivo –, tem uma relevância significativa para o universo das ciências da comunicação e da informação. A Web é um ambiente propício para verificar o modo como a memória coletiva é construída contemporaneamente, uma vez que através dela são disponibilizados diversos serviços que permitem a comunicação entre seus usuários, bem como o arquivamento e recuperação de informações em diferentes linguagens, sobretudo a partir de buscadores.

Sendo assim, cabe a pergunta: o que está se considerando como memória coletiva, e como ela pode ser identificada ou representada a partir da Web? Em primeiro lugar, considera-se a memória coletiva, nos termos expostos por Halbwachs, como aquela que:

(...) contém as memórias individuais, mas não se confunde com elas - evolui segundo suas leis e, se às vezes determinadas lembranças individuais também a invadem, estas mudam de aparência a partir do momento em que são substituídas em um conjunto que não é mais uma consciência individual” (HALBWACHS, 2006: 71).

Nesse sentido, a leitura é feita de modo que a memória seja construída a partir de um imaginário produzido com base nos relatos, depoimentos e registros deixados e expostos pelos atores envolvidos diretamente ou não no acontecimento. Como sinaliza Ricoeur, discutindo a teoria de Halbwachs, “não lembramos sozinhos” (2007: 133), de modo que os testemunhos dos indivíduos pertencentes aos grupos dos quais fazemos parte exercem um papel fundamental no olhar que desenvolvemos sobre um determinado fato. Desse modo, enfatiza-se aqui o papel que a coletividade exerce no modo como se realiza o “diálogo entre o passado e o presente” (Santos, 2002: 146), a partir de um viés intersubjetivo.

Na Web as possibilidades de interação e de expressão para os usuários têm se expandido, sendo que sua versão 2.0, intitulada assim por O’Reilly (2005), está calcada sobretudo nos serviços e ferramentas que permitem a colaboração dos usuários.

A Web 2.0 é a segunda geração de serviços online e caracteriza-se por potencializar as formas de publicação, compartilhamento e organização de informações, além de ampliar os espaços para a interação entre os participantes do processo. (...) [Ela] tem repercussões sociais importantes, que potencializam processos de trabalho coletivo, de troca afetiva, de produção e circulação de informações, de construção social de conhecimento apoiada pela informática (PRIMO, 2008: 1).

Pode-se trabalhar, então, com o argumento de que sites de redes sociais e outras plataformas midiáticas, inseridas nesse contexto, sejam ambientes propícios para a formação de memórias coletivas, principalmente pelos sentidos que neles circulam. Esses sentidos podem “permeiar” as individualidades dos interagentes, de modo que se devam relativizar os dualismos entre as dimensões individuais e coletivas, como propõe Ricoeur (2007: 106), buscando compreender os universos discursivos de cada uma das perspectivas.

Para compreender as manifestações das memórias coletivas na Web, Casalegno (2006) propõe uma leitura “ecológica da memória on-line”, na qual observa as “relações entre os seres vivos e o ambiente no qual eles vivem” (ibid., 2006: 20). Adaptando-se o termo “ecologia” das ciências naturais para o universo das TICs, pode-se pensar nas possibilidades que a tecnologia dispõe para a construção e expressão da memória tanto individual quanto coletiva. Há na Web, segundo o autor, uma “memória viva”, “móvel” e “deslocável”, mas que ainda assim depende de uma “comunidade” que lhe alimente com narrativas e “memórias partilhadas” (ibid., 2006: 30).

Casadei (2009) também investiga a questão da memória coletiva da Web, atentando para o fato de que é preciso olhar para dois aspectos fundamentais, os quais são problematizados quando vistos a partir dos ambientes on-line. São eles: os conceitos de comunidade e de linguagem. Ao olhar para a ideia de “comunidade”, a pesquisadora pergunta como ela “realoca os processos de construção das memórias coletivas”, uma vez que há uma perda da referência espacial do grupo que a forma nos ambientes digitais (ibid.: 4). Após analisar alguns exemplos empíricos, Casadei conclui que a definição do termo passa a ser relacionada mais com o sentimento de pertença e o comprometimento expresso por indivíduos

5 - Esta perspectiva está intimamente relacionada, segundo Casadei, com as ideias expostas por Bauman (2003) a respeito do conceito de comunidade em seu livro "Comunidade: a busca por segurança no mundo atual".

que se propõem a colaborar no compartilhamento de informações a respeito de um determinado assunto (ibid.: 10). Haveria, portanto, um "esgarçamento"^[5] do conceito de comunidade (ibid.: 7). Outro ponto destacado pela investigadora refere-se à questão das "linguagens" utilizadas nos ambientes digitais, sobretudo hipertextuais, e como elas corroboram com a "construção de novas práticas representacionais sobre o passado" (ibid.: 14). A possibilidade de integração de diversos formatos de informações e conteúdos (audiovisuais, textuais e imagéticos) permite novos modos de leitura. De acordo com a autora,

(...) Essa nova forma de cartografia da leitura implica em novas formas de absorção da informação. Além de reestruturar os modos de cognição, as TICs também proporcionam um novo modo de relacionamento com a informação que transforma o usuário em um ator na construção das informações (CASADEI, 2009: 4).

Outro autor que trabalha amplamente com a questão da memória é Marcos Palacios (2010), que explora a intersecção dessa temática com a do jornalismo on-line. Para o pesquisador, a memória seria um dos critérios de qualidade do jornalismo digital (ibid.: 47), visto seu poder de contextualizar a informação através de hiperlinks, por exemplo. O acesso e a possibilidade de recuperação de dados com caráter memorial também são pontos destacados.

Viu-se aqui, portanto, diversas abordagens que vêm sendo exploradas por teóricos que pensam a memória no contexto das TICs. Serão trabalhados a partir de agora, então, os modos como os acontecimentos que mobilizam esse estudo – aqueles ocorridos nos EUA no dia 11 de setembro de 2001 –, estão inseridos no panorama por ora apresentado.

11 DE SETEMBRO DE 2001: FATOR DE MUDANÇAS NA WEB

Considera-se relevante explicar por que motivos os acontecimentos do dia 11/09/2001 foram aqui elencados para análise. Pode-se sistematizar esse destaque, não apenas pelo papel que o evento desempenhou nas mudanças políticas, econômicas e sociais que marcaram o início do século XXI, mas também pelas marcas deixadas na estrutura e organização da internet e da Web. Essas marcas podem ser percebidas tanto em relação à data específica do acontecimento (11/09/2001), a partir do modo como foi noticiado e divulgado com o auxílio das redes, quanto no momento em que completa 10 anos, tomando-se como referência as manifestações relativas à memória do ocorrido.

No ano de 2001, apenas algumas das ferramentas utilizadas hoje na Web estavam disponíveis, como o e-mail, portais de conteúdo, fóruns de discussão, blogs, entre outros. Contudo, o acontecimento do dia 11 de setembro, conhecido no Ocidente como "os ataques/atentados terroristas ao World Trade Center", é tido como o marco de uma série de mudanças na organização da Web, como muito bem explica e exemplifica Malini (2009):

[O 11 de setembro de 2001 foi] O primeiro acontecimento que mostrou inicialmente o poder da internet como fonte de informação. No dia do atentado, os portais de informação das agências de notícias internacio-

nais não conseguiram ficar estáveis por conta do excesso de tráfego nos seus servidores. (MALINI, 2009: 40)

Segundo o pesquisador (ibid.: 41), muitas pessoas recorreram à internet para informar-se sobre o acontecimento, ainda que a televisão tenha sido o meio majoritariamente utilizado para esse fim[6]. Muitos Websites e portais de notícias, como a CNN[7], não suportaram o grande volume de conexões a seus servidores, o que acabou dificultando o acesso às informações. A ferramenta de buscas Google teve sua rotina alterada, uma vez que o sistema utilizado à época não permitia que as notícias publicadas em poucas horas fossem rastreadas[8] pelo sistema. Desse modo, a alternativa encontrada por seus administradores foi incluir o seguinte aviso na página principal do buscador: “Se você está procurando por notícias, deve procurar as mais atualizadas na Televisão ou no Rádio. Muitos serviços de notícias on-line não estão disponíveis, em função da demanda extremamente alta[9]”. Ou seja, a infraestrutura do sistema da Web ainda não estava totalmente pronta para suportar a divulgação de um “mega-acontecimento” (ÁLVARES, 2005) como esse.

No entanto, como comenta Malini (2009: 41), a blogosfera pôde apresentar sua habilidade “informativa” nesse mesmo momento, pois muitos blogs foram também responsáveis por oferecer informações atualizadas sobre os acontecimentos ao público que não teve sucesso com o acesso aos grandes portais de notícias on-line. Além disso, a importância dos blogs também é percebida através “[d]as tradicionais opiniões e testemunhos contidos nos diários, [bem como nas] narrativas testemunhais numa edição em estado bruto” (idem: 41). Pode-se afirmar, portanto, que desde os primeiros registros sobre os acontecimentos houve uma ênfase e um caráter diferenciador com relação às possibilidades que a tecnologia oferecia: usuários comuns podiam à época relatar suas experiências, bem como a de testemunhas, e divulgá-las de modo público na rede. Ou seja, havia um prenúncio de que a participação e a colaboração seriam elementos necessários para manter as pessoas informadas e conscientes a respeito dos desdobramentos dos acontecimentos. Tais aspectos contribuíram e continuam a contribuir na maneira como indivíduos e coletividade constroem a imagem e a memória do evento.

11 DE SETEMBRO DE 2011: CONSTRUÇÃO DE UM ACONTECIMENTO

Chega-se agora à pergunta que dá título ao artigo: “onde você estava” ou “o que estava fazendo em 11 de setembro de 2001?”. É em resposta a essas interrogações que testemunhos e depoimentos foram registrados em diversas páginas da Web desde o ano de 2001. Isso, entretanto, só foi possível a partir de dois fatores: (1) a motivação dos usuários para contribuir com informações sobre o acontecimento e (2) a facilidade de acesso e de uso de ferramentas e serviços on-line que possibilitam a participação do público. O compartilhamento de experiências é um artifício largamente utilizado pelos seres humanos, principalmente dada a sua importância na tradição oral, como problematiza Prins (1992). Sendo assim, pode-se expor a centralidade do testemunho para a construção da memória coletiva:

Se a partilha da memória é uma das condições sine qua non para a formação das comunidades, as modalidades evoluem com a transformação de suportes sobre

[6] *Uma análise bastante aprofundada sobre o acontecimento desde a perspectiva de sua cobertura televisiva é feita por Daniel Dayan (2009).*

[7] Disponível em: <http://cnn.com>. Acesso em: 10 jan. 2012.

[8] *A ferramenta de buscas Google funciona a partir de um crawler (rastreador), que é um “programa que rastreia hipertextos como a Web, passando de um documento a outro através dos hiperlinks e armazenando dados sobre os nós percorridos e suas conexões”. (cf. (Fragoso, Recuero et al., 2011: 233) 9 - A imagem print screen da página pode ser encontrada no Website: <http://www.interactivepublishing.net/september/browse.php?co=Google#>. Acesso em: 02 jan. 2012.*

os quais a memória se inscreve. Partilhar a memória é, em um sentido, ter partilhado as experiências vividas em conjunto. (...). [Por sua vez,] é a narrativa que restitui a experiência e a divide. (...) Por isso, a narrativa é fundadora: ela é suplente da experiência compartilhada e participa da fundação da memória coletiva (CASA-LEGNO, 2006: 32).

Nota-se, dessa forma, que as narrativas, bem como as memórias coletivas, dão sentido ao conceito de comunidade, seja ela manifestada a partir de um foco no lugar de origem, no seu conteúdo simbólico ou na sua dimensão virtual (FERN-BACK, 1998: 209-212). Nos casos que serão analisados aqui, diferentes dimensões são exploradas a partir da convocação da participação dos usuários e interagentes.

Assim, é possível perceber formas de engajamento no compartilhamento de experiências em relação ao acontecimento aqui analisado, bem como o envolvimento expresso pelos interagentes. Como salienta Shirky (2010: 67-68), o engajamento e a motivação são os dois princípios que regem a efetiva participação dos interagentes em ambientes on-line.

Os registros mnemônicos encontrados na Web, com relação aos acontecimentos do dia 11/09/2001, mostram tanto um caráter voluntário (consciente em relação à reconstrução do passado), quanto involuntário (aquela que retém traços mnemônicos, mas que não se expressa objetivamente na linguagem), nos termos de Santos (2003: 142). Partindo-se dessas premissas, serão agora apresentados alguns exemplos que ilustram o que se entende aqui como a construção de uma memória coletiva a respeito dos acontecimentos do dia 11/09/2001. Optou-se por realizar uma análise de dois ambientes on-line, nos quais o fenômeno destacado neste texto é ressaltado, que são o especial multimídia produzido pela empresa jornalística *The New York Times*, chamado “Where Were You on Sept. 11, 2001?”^[10] e algumas interações identificadas no site de rede social Twitter.

[10] Disponível em: <http://www.nytimes.com/interactive/2011/09/08/us/sept-11-reckoning/where-were-you-september-11-map.html?smid=tw-nytimes>. Acesso em: 09 jan. 2012.

MEMÓRIAS COLETIVAS EM UM PORTAL DE NOTÍCIAS ON-LINE: THE NEW YORK TIMES

O portal de notícias *The New York Times* criou uma página especial para marcar os 10 anos dos acontecimentos de 11/09/2001. Elaborou, entre outras coisas, um mapa [Figura 1] em que usuários eram convidados a registrar o local onde estavam há uma década quando souberam que as Torres Gêmeas do World Trade Center, em Nova Iorque, haviam sido explodidas. Juntamente com a localização, os usuários puderam manifestar-se através da escolha da opção (bravo, com medo, paralisado, seguro, esperançoso) que melhor expressassem seu sentimento após refletir sobre os acontecimentos do dia



Figura 1: Especial multimídia produzido pelo portal de notícias *The New York Times*.

11/09/2001, bem como com o registro de um comentário. Algumas pessoas optaram por descrever a situação em que se encontravam naquele dia, outras dizer o que estavam sentindo em relação ao acontecimento.

Pode-se notar que foram trabalhados alguns conceitos bastante caros à memória nesse ambiente, tais como a identificação dos usuários em comunidades, tanto de caráter simbólico (através da possibilidade de manifestação do que você está sentindo) quanto espacial. Além disso, as possibilidades de filtragem do conteúdo ali compartilhado permitem que os visitantes explorem diferentes facetas da memória do acontecimento, verificando, por exemplo, como as pessoas que vivem especificamente em Londres sentem-se em relação aos acontecimentos. Pode-se, ainda, compartilhar[11] os relatos e depoimentos em outros ambientes da Web, ampliando, dessa forma, o alcance desses conteúdos. Esses depoimentos são considerados voluntários, de acordo com a definição de Santos (2003), uma vez que os participantes parecem ter consciência do significado daquilo que estão expondo. Vale, ainda, ressaltar que o engajamento e a motivação são elementos mobilizadores das narrativas construídas nesse espaço, o que se pode identificar a partir de alguns depoimentos registrados, como esse que revela o sentimento do narrador: “I was in Bucharest. I feel sorry for everything, for how it transformed America and Europe”[12].

MEMÓRIAS COLETIVAS EM UM SITE DE REDE SOCIAL: TWITTER

Já em sites de redes sociais como o Twitter foi possível identificar movimentos emergentes, nos moldes defendidos por Johnson (2003), que trabalham com um ponto de vista que permite ver a Web como um ambiente que propicia a organização social em uma direção “botton - up” (ibid.: 14), ou seja, “o movimento de nível baixo para a sofisticação do nível mais alto” é o caracteriza a emergência. Assim, em relação à memória coletiva a respeito dos acontecimentos de 11/09/2001, observa-se que há manifestações ligadas a esse fenômeno, como as que serão analisadas a seguir.

O microblog Twitter, criado em 2006, é um site de rede social que permite o compartilhamento de mensagens com até 140 caracteres entre usuários conectados através de seus perfis[13]. Ele é largamente utilizado em todo o mundo, tendo adquirido visibilidade e popularidade no Brasil a partir de 2009. Nesse ambiente, a cada ano em que são lembrados os acontecimentos de 11/09/2001 há mobilizações por parte dos usuários, nas quais compartilham experiências e pensamentos sobre o ocorrido. Há, certamente, um papel notável da mídia jornalística nesse processo, principalmente devido à circulação e recirculação (Zago, 2011) de notícias nos sites de redes sociais. No entanto, percebe-se, também, que há movimentos que surgem a partir dos próprios usuários, e que resultam em hábitos relacionados à memória. Por exemplo, a cada ano, no período que envolve o dia 11/09 diversos usuários publicam mensagens no microblog utilizando a expressão “Há X anos...”, para manifestar suas memórias a respeito do dia 11/09/2001. Zago (2007) ressaltou este movimento como o “primeiro meme[14] do Twitter”, uma vez que foi o primeiro movimento coletivo em que houve a publicação de um conteúdo com sentido compartilhado e prolongado pelos usuários no Brasil. Dois exemplos desse movimento são apresentados a seguir [Figura 2]:

11 - O termo compartilhar (share) é amplamente utilizado em serviços da chamada Web 2.0. Através de um botão em um site, blog ou site de rede social pode-se fazer com que determinado conteúdo seja publicado automaticamente em outros espaços, nos quais o usuário que realiza a ação está cadastrado. Por exemplo, ao ler uma notícia em um determinado portal jornalístico on-line, posso com apenas um clique fazer com que aquele conteúdo seja republicado em minha página do Facebook, onde será apresentado aos meus contatos o link para a notícia original, juntamente com um resumo desta.

12 - Tradução minha: “Eu estava em Budapeste, sinto muito por tudo, pelo modo como isso transformou a América e a Europa”.

13 - Não é exigida, no entanto, reciprocidade na conexão entre dois usuários. Isso significa dizer que o @usuárioX pode receber as atualizações do @usuárioY mesmo que este não se conecte a ele. Entretanto para que isso ocorra é preciso que o @usuárioY tenha configurado seu perfil como “público”.

14 - Segundo Recuero (2006: 2) “O conceito de meme foi cunhado por Richard Dawkins, em seu livro O Gene Egoísta, publicado em 1976. A partir de uma abordagem evolucionista, Dawkins compara a evolução cultural com a evolução genética, onde o meme é o “gene” da cultura, que se perpetua através de seus replicadores, as pessoas. O estudo dos memes está diretamente relacionado com o estudo da difusão da informação e de que tipo de idéia sobrevive e é passado de pessoa a pessoa e de que tipo de idéia desaparece no ostracismo”.

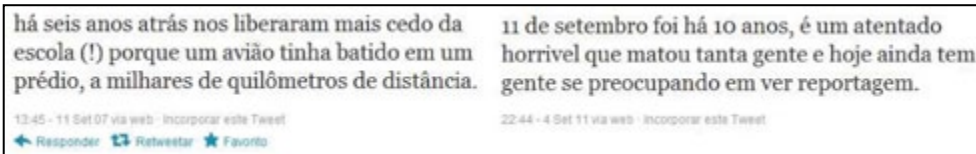


Figura 2: Exemplos de mensagens publicadas em 2007 (esquerda) e 2011 (direita).

Percebe-se, a partir dessas mensagens coletadas em perfis de usuários do microblog, que há uma busca por reportar memórias individuais, mas que acabam por se entrelaçar com a memória coletiva, uma vez que há um viés em que interesses e ideais comuns são divididos entre os usuários. Ao entrar em contato com uma determinada opinião ou testemunho os indivíduos têm seu conhecimento “atravessado” pelo de outros. Vê-se, desse modo, que há aqui, também, uma voluntariedade na atividade mnemônica, uma vez que os usuários têm consciência de estar participando de um movimento nessa direção.

No entanto, é possível perceber que outras mensagens, embora expressem a memória individual a respeito do acontecimento, não são acompanhadas de uma intenção coletiva explícita (como ocorre no caso dos memes, explorados anteriormente). As técnicas de recuperação da informação, bastante utilizadas em serviços on-line, auxiliam na visualização e explicitação dos sentidos que são produzidos a partir das postagens dos usuários. É o caso dos Trending Topics (TT's) do Twitter, bem como seu sistema de buscas[15]. Nos TT's há uma seleção automática dos assuntos mais discutidos no site de rede social como um todo. É possível, ainda, visualizar os tópicos mais abordados por país, estado e mesmo cidade. Assim, quando muitas pessoas relembram e comentam um determinado fato é possível que este apareça na listagem dos TT's. Nos TT's do Brasil no dia 10 de setembro de 2011, por volta das 19h, diversas pessoas incluíram mensagens a respeito do filme *Voo United 93*, que estava sendo transmitido em um canal de televisão nacional. Juntamente com sua opinião sobre o filme, muitos usuários expressaram seus sentimentos em relação ao acontecimento retratado, os “atentados do dia 11 de setembro de 2001”, como neste exemplo: “@usuárioZ: Acontece fome na África desde que me entendo por gente, e 10 o povo só lembra no 11 de setembro, grande coisa esse filme voo united 93 ✈”. Da mesma forma, se uma busca for realizada hoje na ferramenta de buscas do microblog com a palavra-chave “11 de setembro”, será possível identificar diversos relatos a respeito dos acontecimentos, bem como os sentidos memoriais individuais e coletivos que circulam nesse ambiente online.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso trilhado neste texto procurou apresentar diferentes modos de entender a memória social, sobretudo em seu viés coletivo, a partir da comunicação mediada por computador. Com o embasamento em teorias já bastante discutidas nesse campo temático, foi possível identificar que a Web pode ser compreendida como um ambiente propício para o compartilhamento de experiências, opiniões e relatos e, conseqüentemente, com a formação de uma memória coletiva. Ao refletir sobre as ideias de Halbwachs e Ricoeur, pode-se afirmar que as memórias individuais e coletivas se entrelaçam na Web (mas não se confundem), de modo que as linguagens e técnicas possibilitadas pelos serviços on-line (especialmente aqueles inscritos na dinâmica da Web 2.0) permitem uma exploração dos registros mnemônicos disseminados nos mais diversos ambientes digitais.

15 - Disponível em: <https://twitter.com/#!/search-home>. Acesso em: 09 jan. 2012.

Destaca-se aqui, também, que os momentos de celebração, atos tão importantes para a formação de memórias (CONNERTON, 2007), são marcos fundamentais para a identificação de movimentos coletivos em direção à memória, como foi possível destacar em relação à intensificação de mensagens deixadas no Twitter anualmente sobre 11 de setembro de 2001, quando há a rememoração dos acontecimentos referentes a esse dia. Nesse sentido, vale salientar que a memória coletiva pode ser vista em certos aspectos, também, como um “imaginário coletivo” (SANTOS, 2003: 186), na medida em que há atravessamentos entre a “utopia da representação do passado” e o fato em si. Em tempos “comemorativos” ou de rememoração há uma intensificação de processos como esse, sobretudo pelo farto material que circula na mídia e em outros espaços.

É importante notar, ainda, que o entendimento sobre os processos de construção da memória coletiva em ambientes digitais se fazem importantes uma vez que:

O armazenamento possibilitado por tecnologias da informação atuais e consequentemente a organização de memórias coletivas através de máquinas de processamento de dados, não é meramente algo técnico, mas diretamente uma atitude de legitimação, a questão do controle e propriedade da informação se torna um assunto político crucial (CONNERTON, 2007: 1).

Está em jogo, portanto, a preservação desse material mnemônico, que auxiliará, futuramente, no entendimento sobre a forma de contar a história deste presente. Se “cada interação deixa traços que deverão influir em interações posteriores” (PRIMO, 2007: 114), há um conteúdo importante a ser estudado nestas relações no que tange às interações do presente e do passado, frente ao modo como elas serão significadas no futuro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ÁLVARES, C. O 11 DE SETEMBRO COMO MEGA-ACONTECIMENTO: UM DESAFIO À GLOBALIZAÇÃO. *Caleidoscópio*, n. 5-6, 2005. Disponível em: <<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/caleidoscopio/article/view/2242>>.
- CASADEI, E. B. Os novos lugares de memória na internet: as práticas representacionais do passado em um ambiente on-line. *Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação*, 2009. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/Casadei_memoria_Internet.pdf>.
- CASALEGNO, F. *Memória Cotidiana: Comunidade e Comunicação na Era das Redes*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2006.
- CASTELLS, M. *A Galáxia da Internet: Reflexões Sobre a Internet, os Negócios e a Sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2003.
- CONNERTON, P. *How Societies Remember*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
- DAYAN, D. *O Terror Espetáculo: Terrorismo e Televisão*. Lisboa: Edições 70, 2009.
- FERNBACK, J. “There is a there there: notes toward a definition of cybercommunity. In: JONES, S. (Ed.). *Doing Internet Research: Critical Issues and Methods for Examining the Net*. London: SAGE Publications, 1998.
- FRAGOSO, S.; RECUERO, R.; AMARAL, A. *Métodos de Pesquisa para Internet*.

- Porto Alegre: Editora Sulina, 2011.
- HALBWACHS, M. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.
- JOHNSON, S. *Emergência: A Vida Integrada de Formigas, Cérebros, Cidades e Softwares*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
- MALINI, F. “Por uma Genealogia da Blogosfera: considerações históricas (1997 a 2001).” *Lugar Comum*, n. 23-24, 2009. Disponível em: < <http://www.cp2.g12.br/ojs/index.php/lcvt/article/view/35> >.
- O'REILLY, T. *What Is Web 2.0 - Design Patterns and Business Models for the Next Generation of Software*. O'Reilly Publishing, 2005.
- PALACIOS, M. “Convergência e memória: jornalismo, contexto e história”. *MATRIZES*, n. 1, 2010. Disponível em: < <http://www.matrizes.usp.br/ojs/index.php/matrizes/article/view/157> >.
- PRIMO, A. *Interação Mediada por Computador: Comunicação, Cibercultura, Cognição*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2007. 240
- PRIMO, A. “O aspecto relacional das interações na Web 2.0”. In: ANTOUN, H. (Ed.). *Web 2.0: Participação e Vigilância na Era da Comunicação Distribuída*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008.
- PRINS, G. “História oral”. In: BURKE, P. (Ed.). *A Escrita da História: Novas Perspectivas*. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.
- RECUERO, R. “MEMES E DINÂMICAS SOCIAIS EM WEBLOGS: informação, capital social e interação em redes sociais na Internet”. In: *Texto*, v. 2, n. 32, 2006. Disponível em: < <http://seer.ufrgs.br/intexto/article/view/4265/4427> >.
- RICOEUR, P. *A Memória, a História, o Esquecimento*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.
- SANTOS, M. S. D. “O pesadelo da amnésia coletiva: um estudo sobre os conceitos de memória, tradição e traços do passado”. *Cadernos de Sociomuseologia*, v. 19, n. 19, 2002. Disponível em: < <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/caderno-sociomuseologia/article/view/370/279> >.
- SANTOS, M. S. D. *Memória Coletiva e Teoria Social*. São Paulo: Annablume, 2003.
- SHIRKY, C. *A Cultura da Participação*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- ZAGO, G. D. S. *Meme no Twitter? Ius Communicatio: Comunicação e Novas Tecnologias*. Pelotas 2007.
- ZAGO, G. D. S. “A experiência do acontecimento jornalístico no Twitter a partir de sua recirculação”. 9º. Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo - SBPJor. ECO - Universidade Federal do Rio de Janeiro 2011.